

A gerente de logística Juliana Ataídes, de 39 anos, diz que em São Paulo nunca viu esse tipo de artesanato

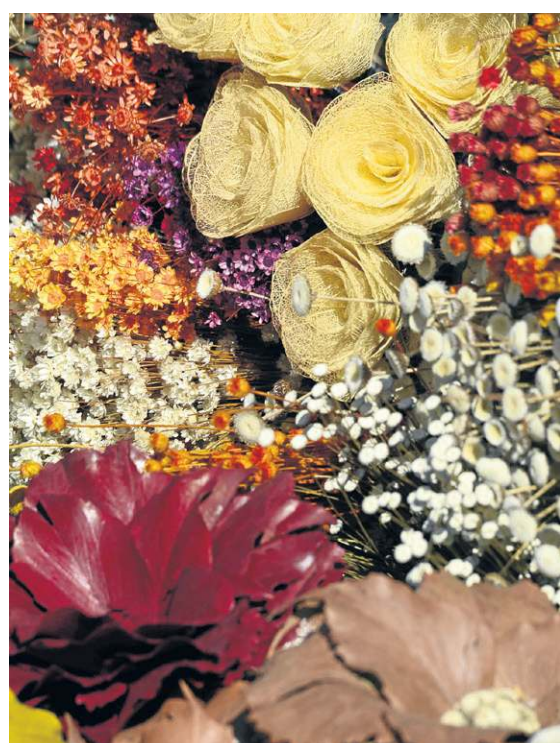
Fotos: Carlos Vieira/CB/D. A. Press



BUQUÊS artesanais encantam



Vidal Raimundo, 63 anos, trabalha no local há 38, criou três filhos e não troca o ofício por nada



São mais de 40 espécies colhidas por 15 artesãos para a produção dos arranjos de flores secas

Arranjos de flores secas são obras de arte que chamam a atenção de quem passa pela Esplanada dos Ministérios, em frente à Catedral de Brasília

» LAEZIA BEZERRA

Ponto turístico, a Catedral de Brasília é palco das flores secas. Vendidas diariamente são uma atração à parte para quem transita pela Esplanada dos Ministérios. São mais de 40 espécies nativas do cerrado do Distrito Federal e do Entorno.

De cores vibrantes, discretas ou naturais, estão espalhadas por várias barrquinhas na frente do monumento histórico. Os buquês e ramalhetes confeccionados artesanalmente são produzidos com muito zelo e carinho pelos 15 artesãos que estão no local há cerca de 40 anos.

A retirada da terra é feita com cuidado, para não causar dano à raiz. Após a colheita, as flores são colocadas para secar. O processo de desidratação dura de uma semana a 15 dias. Em seguida, começa a fase de tingimento — na maioria das vezes, realizado com anilina diluída em água ou com sprays coloridos.

Vidal Raimundo, de 63 anos, morador do Jardim Ingá, trabalha no local há 38 anos e destaca a relevância desse tipo de comércio, tanto para quem vende, quanto para quem compra. “A beleza e a alegria estampadas nessas flores causam impacto aos olhos de quem vem aqui. Criei três filhos vendendo flores e só tenho gratidão pela existência de todas essas espécies. São mais de 30 anos colhendo essas maravilhas”, destaca.

Presente

Quem passou pela barraca do Vidal, ontem, foi Juliana Ataídes, 39, que vive em



Marcos Vinicius, de 38 anos, diz que o entusiasmo dos visitantes revigora os artesãos



Felipe Monteiro (E) e Rodolfo Marcondes escolhem os presentes para as esposas

Só tinha visto essa beleza pela TV, mas, ao vivo, são realmente raras

Felipe Monteiro, secretário de Agricultura de Moji das Cruzes (SP)

São Paulo. Gerente de logística, ela estava em Brasília devido a compromissos profissionais e comprou um arranjo para levar para casa. Com os olhos brilhando, admirando os variados tipos, Juliana revelou que não conhecia as flores secas. Ela achou maravilhosa a beleza dos produtos expostos. “Nunca vi coisa tão bonita e tão diferente, com tanta variedade. Em São Paulo, não tem esse tipo de artesanato. Vou levar um buquê da espécie Pimentinha. Estou realmente encantada”, contou.

No mesmo ponto, o secretário de Agricultura de Moji das Cruzes (SP), Felipe Monteiro, e seu adjunto, Rodolfo Marcondes, estavam a caminho do Aeroporto Internacional de Brasília, depois de uma viagem a trabalho, quando avistaram as flores e pararam rapidamente para ver as obras de arte de perto. Mesmo com pressa, eles compraram

buquês para presentear as esposas. Felipe levou um buquê de rosa folha moeda e Rodolfo, um arranjo de sempre viva. “Só tinha visto essa beleza pela TV, mas, ao vivo, são realmente raras. Nossas esposas merecem recebê-las”, disse Felipe Monteiro.

Preservação

O entusiasmo dos visitantes estimula os artesãos, como destaca Marcos Vinicius, 38, instalado no local desde os 18 anos. Morador de Santa Maria, ele vende mais de 20 espécies de plantas do cerrado todos os dias. A flor típica com mais saída é a Pimentinha, pintada delicadamente à mão com spray dourado. Outras espécies muito populares são a flor capim e a sempre viva. “Essas são as mais procuradas pelo público, tanto moradores da região, como por quem chega de fora. Quando as pessoas veem, ficam encantadas e o entusiasmo delas deixa a gente revigorado”, celebra.

Uma das dificuldades enfrentadas pelos artesãos é a escassez de algumas flores, provocada pela falta de respeito ao meio ambiente, na avaliação deles. “É muito importante que as pessoas façam uma colheita consciente para não desmatar o cerrado, não atingir as raízes das plantas. É preciso essa atitude para que o cerrado nos devolva e nos proporcione cada vez esse tipo de trabalho”, reflete Vidal Raimundo.